

12

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
AGO. 1941



Uma linda
imagem
da
II Exposição
de
Floricultura
(Foto J. Lobo)



B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA
E O MUNDO ACREDITA
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Ondas médias	Ondas curtas
13,15 Noticiário..	—	{ 13,86 m. (21,64 mc/s) 19,76 m. (15,18 mc/s)
13,30 Actualidades	—	{ 24,92 m. (12,04 mc/s) 24,92 m. (12,04 mc/s)
22,00 Noticiário ..	285,7 (1.050 kc/s)	{ 31,32 m. (9,58 mc/s) 31,55 m. (9,51 mc/s)
22,15 Actualidades.	285,7 (1.050 kc/s)	{ 31,32 m. (9,58 mc/s) 31,55 m. (9,51 mc/s) 41,96 m. (7,15 mc/s)

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

O GENERAL FREYBERG, biografia

O FIM DUMA AVENTURA

LILIAN HARVEY EM LISBOA

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? responde o pintor
Alberto de Sousa

UM EPISÓDIO DA VIDA DE CHURCHIL, adaptação
de Carlos Ferrão

ALLÔ, JACKIE!, por Fernando Calixto

LISBOA, ZERO GRAUS!
fotos de J. Lobo

A MAIS COMPLETA REPORTAGEM DA GUERRA, com foto-
grafias exclusivas, em 4 páginas

OS PORTUGUESES SÃO INTELIGENTES?

FIGURAS E FACTOS

IMAGENS DA ACTIVIDADE INTERNACIONAL

A AUSTRÁLIA NA GUERRA, por S. Saboya

A EPOPEIA DE LONDRES

AS REGATAS DE VELA

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

REFLEXOS DO MUNDO

O SORRISO DE GIOCONDA, novela de Cristiano Lima

CINEMA, de António Lourenço



David McLean, em cuja propriedade, na Escócia, caiu o Messerschmitt, que Rudolfo Hess, lugar-tenente de Hitler, utilizou para sair da Alemanha. David McLean é hoje um homem célebre em todo o mundo, mas, como Catão, não abandona as guias do seu arado



Dunhill

O melhor
cigarro Americano

Importadores exclusivos

Roque Pinto, L.^{da}

R. do Amparo, 94-1.º

L i s b o a

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta,
lapisciras, carnets, albuns para fotos, pastas para men-
sagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

WELLINGTON

O DUQUE DE FERRO

WELLINGTON é a figura culminante nas lutas da liberal Inglaterra contra as hostes guerreiras de Napoleão. Ele é o guerreiro audaz, o estrategista insigne, como é o parlamentar elegante e o diplomata de brilho excepcional. Em todas estas características não se sabe bem em qual excede. A sua capacidade guerreira fá-lo caminhar, numa contínua ascensão de glória, desde as primeiras lutas em que toma parte nas Índias Orientais, até ao momento em que a sua grande figura se projecta imperecivelmente na península hispânica, onde as tropas inglesas do seu comando, ao lado dos soldados de Portugal, vencem sucessivamente os três generais invasores, Junot, Soult e Massena, coroando com a derrota d'este último uma das maiores vitórias na história da guerra. Como estrategista foi o organizador das linhas de Torres Vedras que quebraram os ímpetos do exército de Napoleão, como diplomata e parlamentar, a sua acção, que vinha de longe, assinalada por triunfos singulares, tem a sua coroa de laureis como plenipotenciário, quer no Congresso de Aix-la-Chapelle quer no de Viena (1822). Como militar de acção culminou em comandante do Corpo de Ocupação dos Aliados em Paris. Nesta situação, era tão preciso à

causa liberal que os contrários tentaram assassiná-lo (1818).

Ao lado do grande cabo de guerra, Portugal viveu intimamente as horas amargas da incerteza das batalhas. Cada português vivia na ansia, dia a dia, do triunfo do exército anglo-luso. O coração das duas pátrias pulsava ardente e entusiasticamente ao lado um do outro como amavelmente viriam a pulsar no futuro mantendo nobremente a sua antiga aliança.

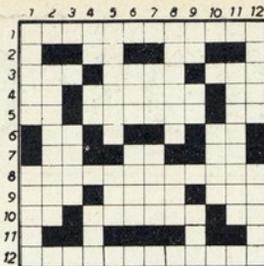
Wellington foi certamente um dos grandes homens da Inglaterra a quem a felicidade jamais atraçou, mas para um tal desideratum não lhe escasseavam os méritos pessoais.

A Inglaterra, que sabe muito bem premiar o valor dos seus filhos dilectos cumulou-o de honrarias e títulos de nobreza e de grau militar.

Robert Neel, um dos mais distintos estadistas daquele país fez de Wellington a figura primacial do seu gabinete, e na sua persistência investiu-o no cargo de Ministro dos Estrangeiros.

A tradição, porém, conheceu sempre Wellington, mais pelo lado dos seus triunfos guerreiros, mantendo-lhe o título de *duque de ferro*, *Iron duke*.

Eugénio Vieira



PROBLEMA N.º 17

HORIZONTAIS

- 1 — De maneira brilhante.
- 2 — Letras de «sede»; artigo plural.
- 3 — Aplicação; erguer; naquele lugar.
- 4 — Acha graça; apelido do marechal inglês comandante da R. A. F.; língua que outrora se falava ao sul do Loire.
- 5 — Prefixo de negação; circundado de ameias; dificuldade.
- 6 — Duzentos; iniciais da nossa revista.
- 7 — Profere o que está escrito; polvilho; artigo indefinido.
- 8 — Coleções da antiga poesia lírica portuguesa.
- 9 — Esteiro ou braço de rio; apelido do principal conselheiro militar e chefe do Estado Maior das Forças Imperiais inglesas; rezo.
- 10 — Caminhar; alterar; pertences.
- 12 — Astuta.

VERTICAIS

- 1 — Aspirei; originam.
- 2 — Apelido do ministro inglês da aeronáutica.
- 3 — Palco.
- 4 — Artigo plural; utensilio de lavoura; baixio.
- 5 — Língua própria duma nação; partida.
- 6 — Julga; Polir.
- 7 — Amarra; sòmente (inglês).
- 8 — Residência; pron. pessoal.
- 9 — Estás; além; lista.
- 10 — Parede.
- 11 — Apelido dum marechal do ar inglês.
- 12 — Heroico; extraordinariamente parecido.



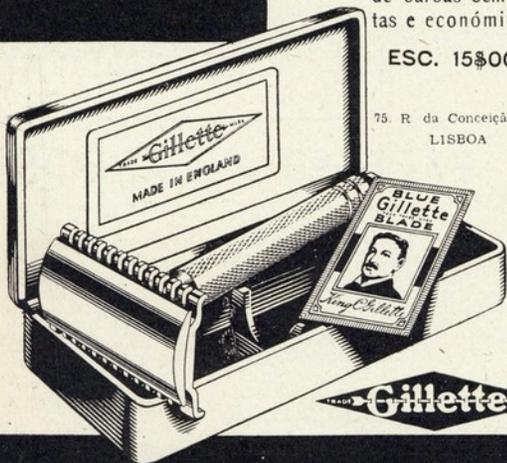
Solução do Problema n.º 16

UMA MÁQUINA DE BARBEAR 'ECONÓMICA'

Terá de procurar muito, antes de encontrar uma máquina de barbear mais eficiente que a Gillette 25 — mesmo por preço mais alto. Este estojo contém uma máquina Gillette e três famosas laminas azuis, numa caixa higiénica e cómoda. É de grande utilidade para os homens que gostam de barbas bem feitas e económicas.

ESC. 15\$00

75. R da Conceição, 1.º LISBOA



GILLETTE 25

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

“ANGOLA”

sairá no princípio de Julho,

recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 [6 linhas]

LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434

PORTO

REFLEXOS DO MUNDO

Cena Londrina

Num hospital de Londres perguntaram a uma doente a sua direcção.

— Cama n.º 10, na Estação de Metropolitano Picadilly Circus — respondeu:

A única morada era a estação, que serve de abrigo anti-aéreo e onde ia passar as noites.

A Administração Geral dos Correios Ingleses está a receber com frequência cartas dirigidas para os abrigos públicos. Lá são pontualmente entregues.

Antoine na América



O famoso cabeleireiro Antoine, que trocou a França pela América, após a derrocada do

seu país, estabeleceu-se como desenhador de chapéus em Nova York.

Um jornalista que o visitou nas suas instalações da Quinta Avenida, achou-lhe os desenhos um pouco extravagantes.

A fantasia do cabeleireiro-desenhador mostra-se bastante audaz. Um dos modelos inspirava-se no capelo dos lentes das universidades inglesas, com um galão azul; outro fóra-lhe sugerido pelo peitoril florido da sua janela.

Uma bomba de ovos

Gillian Carlag Smith tem um ano e poucos dias. Chegou a

Nova York para se juntar ao avô, Godfrey Haggard, cônsul geral britânico.

Muito feliz se pode considerar a pequerrucha por ter escapado do navio em que viajava depois de ter sido alvo de dois ataques durante a travessia.

Há alguns meses o senhor Haggard recebeu uma encomenda que supunha ser uma bomba. Para a abrir, desceram-na ao rio Hudson. Continha seis ovos...

Evasão audaciosa

O capitão Cunningham — este nome está assinado a oiro na presente guerra — foi condecorado

mais uma vez pelo Rei Jorge VI. Já tem o peito constelado da outra guerra — a grande... — em que tomou parte. A condecoração que o rei lhe impôs agora é a «Medalha dos Serviços Distintos».

Na guerra de 1914 foi um dos oficiais que, com facas de mesa, colheres e garfos, cavou um túnel de 45 metros no campo de concentração de Holzuninden, onde se encontrava prisioneiro dos alemães. Por ele fugiram 39 oficiais.

Enfermeira real

Sidney Poor, um velho de 60 anos, viu a sua casa bombardeada.

Do bombardeamento saiu com uma clavícula partida.

Cheio de dores, o pobre homem foi a um posto de socorros receber tratamento e confortar-se com uma chávena de chá.

A Rainha Isabel encontrava-se, nesse momento, em inspecção à cantina. Condoída, à vista do pobre homem, ela própria o tratou, antes de seguir para o hospital.

No referido posto de socorros figura, agora, a assinatura da Rainha entre a das enfermeiras.

Gesto de cortezia

As fardas constituem uma preocupação de muitos dirigentes. A sua apresentação e variedade atribuem uns grande influência, enquanto outros lhe ligam muito pouco, mal se importando com elas.

Recentemente, na campanha da Abissínia, os oficiais do Exército Sul Africano que entrou em Dessié guardaram cuidadosamente 40 caixas que o Duque de Aosta lá havia deixado, na sua retirada para Amba-Alagi.

Foram-lhe entregues depois de aprisionado. «Obrigado por não terem esquecido os meus uniformes», disse Sua Alteza Real.

Letras... de oiro



Bette Davis, a estrela a quem se devem algumas interpretações maravilhosas, está organizando

um plano original... talvez pensoso: obter que as estrelas de Hollywood, em vez de desperdiçarem os autógrafos e fotografias por milhares de admiradores, os dêem para ser vendidos em benefício da Cruz Vermelha inglesa.

Assim quem quiser ter à mão uma estrela... terá de pagar.

Um heroi

O piloto Anthony Hibbert distinguira-se no ataque a um comboio inimigo no Mar do Norte. Tinha executado, com o

seu aparelho, as mais audaciosas manobras para se livrar dos ataques da artilharia anti-aérea e afundou com um torpedo, um navio inimigo.

Agraciado com a «Distinguished Flying Cross» ia recebê-la das mãos do Rei, ao Palácio de Buckingham. Hibbert, que mostrara as mais raras qualidades de energia e sangue frio, não evitou que um carro o atropelasse a caminho do Palácio Real.

Conduzido ao hospital faleceu pouco depois talvez a sonhar com as asas do seu avião e a cruz que não lhe chegara a ser colada no peito de heroi...

Nobreza inglesa

É um velho inglês que tinha a mania das viagens. Apesar dos seus sessenta anos bem puxados e bem vividos não podia conservar-se um mês que fosse, no seu confortável solar do condado do Kent. Percorreu todos os oceanos e continentes — nos melhores transatlânticos, nos melhores automóveis, nos melhores aviões. Agora, é «prisioneiro» voluntário de um dos mais altos edifícios de Londres. Os seus olhos azuis, pequeninos e perscutadores, vigiam através das lentes de um binóculo, o céu da capital britânica.

Diz êle que não é uma ocupação muito de harmonia com os seus conhecimentos de engenharia e as suas tendências de viajante, mas que por nada dêste mundo a trocaria, agora, pela sua antiga ociosidade.

Males que vêm por bem

Os ingleses são persistentes. E, a persistência é uma das suas maiores virtudes. Há dias, foi bombardeado um famoso «bar» londrino. O proprietário, porém, com o edifício destruído, não desistiu do seu negócio e alugou as caves do prédio fronteiro. O mais curioso é que o nosso homem passou a beneficiar das regalias do senhorio, que já utilizara o mesmo local na venda dos vinhos das melhores castas do mundo, desde o «Tokay» até o nosso «Porto». Por cartas que remontam ao século XIII era-lhe permitido o comércio de bebidas estrangeiras sem pagar licenças.

Um holandês prático



Certo holandês que se encontra em Londres achou um meio de pôr termo às visitas massadoras.

Por baixo da campainha da porta da sua residência abriu uma fenda. A campainha só toca depois de se ter introduzido um «penny»

Se a visita era indispensável, a moeda é devolvida ao visitante. Caso contrário, vai engrossar os fundos das subscrições de guerra.

Excelente maneira de arranjar dinheiro para a guerra e castigar o que não têm nada que fazer...

Quere ler?
Quere ver?
Quere saber?

compre

Mundo
Gráfico

32 páginas

com rotogravura
da

Neogravura, L.^{da}
Trav. da Oliveira (á Estréla) 6
LISBOA

2 produtos
indispensáveis
à Beleza
da sua pele:



Creme e Pasta de Amêndoas
Rainha da Hungria

São produtos M.^{me} Campos

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA



GENERAL FREYBERG

A notícia da morte do general Freyberg não se confirmou. A Gran-Bretanha continua a contar com a dedicação e experiência do valoroso cabo de guerra que tanto se distinguia na defesa de Creta.

O general Freyberg é um herói da última conflagração. As medalhas que lhe esmaltam o peito, as citações honrosas inscritas em ordem do dia, os ferimentos recebidos em combate atestam a sua competência profissional e o seu heroísmo do melhor quilate. Nasceu em Londres e conta actualmente cinquenta anos. Quando estalou a última guerra tinha vinte e quatro e encontrava-se na Nova Zelândia onde tem numerosos amigos e admiradores. Tomou imediatamente um vapor e apresentou-se em Londres ao Primeiro Lord do Almirantado, que era então Winston Churchill. Escolhia um lugar na linha de fogo e um posto entre os de maior risco. Bateu-se valentemente em França e conquistou, com rapidez, os diversos postos da hierarquia militar. Três anos depois de ter ingressado nas fileiras do exército era promovido a brigadeiro. A sua acção no Somme e em Gallipoli consagrou-o, rapidamente, como um dos oficiais mais competentes e decididos. Ferido nove vezes em combate, quando acabou a luta encontrava-se de novo em França onde o seu nome era justamente conhecido e admirado.

Restabelecida a paz serviu na metrópole e na Nova Zelândia rodeado do carinho e da admiração gerais. Os seus «anzacs», que tanto deram que falar há vinte cinco anos, adoravam-no. Sabiam que ele era o primeiro a correr os riscos e a afrontar os perigos do combate. Desportista entusiástico tentou por duas vezes fazer a travessia da Mancha a nado.

Esta guerra veio encontrá-lo no seu posto, que tem sido sempre um posto de glória e de sacrifício. Encarregado de assegurar a defesa de Creta, conseguiu, durante catorze dias de combates ininterruptos e violentos, fazer face ao inimigo com êxito. A sua resistência heróica permitiu ao exército do Próximo Oriente completar a ocupação da Abissínia e liquidar o incidente do Irak.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A organização da paz

Os fins da guerra sumariamente expostos na Câmara dos Comuns pelo ministro dos negócios estrangeiros da Gran-Bretanha merecem alguns minutos de reflexão. Os povos precisam justificar, por um ideal superior, a luta em que se envolveram. O mundo não entenderia que, no curto prazo dum quarto de século, a guerra assolasse o mundo com o seu cortejo de horrores se para a explicar e para a suportar não houvesse uma finalidade essencial.

A liberdade religiosa, a liberdade nacional, a liberdade económica são, na expressão do sr. Anthony Eden, os pilares sobre que deve assentar a organização da paz futura. Liberdade para cada um poder praticar a sua religião, sem coacções, sem violências e sem a imposição de falsos dogmas. Liberdade para cada povo se governar e se administrar segundo os ditames da sua vontade, sem limitações e sem pressões de nenhuma espécie. Finalmente, dentro de cada nação, liberdade para os indivíduos manterem um nível de vida compatível com as exigências do nosso tempo e com as ideias gerais de progresso e de civilização que estão, na base de toda a hierarquia social.

Compreende-se que um país envolvido, como a Gran-Bretanha, numa luta de vida ou de morte não esteja em condições de expor claramente e totalmente o seu pensamento sobre a organização da paz. De momento é da guerra que se trata e as suas exigências são sagradas para todos os verdadeiros patriotas. Há vinte cinco anos, Clemenceau quando lhe perguntavam quais eram as suas ideias limitava-se a dizer, de maneira irresponsável: «Faço a guerra». Uma vitória que se perdeu em lutas estérteis e em experiências ingénuas leva hoje os homens de Estado responsáveis a pensar no futuro, mesmo quando o presente está carregado de dúvidas, de preocupações e de incertezas.

A nação britânica é animada por uma vontade firme de cooperação internacional. Assim como, para viver, os indivíduos precisam entender-se, as nações precisam colaborar para que um espectáculo cíclico de morte e de ruína não venha coroar a sua actividade comum. O espírito de desforra tem de ser substituído por uma compreensão nítida das vantagens duma colaboração internacional organizada sem pensamentos reservados e sem intenções duvidosas.

Na vida de cada indivíduo, como na vida de cada povo, as preocupações económicas tomaram o passo aos devaneios políticos, às preocupações partidárias, às utopias sociais. O nosso tempo exige a quem o vive um realismo sereno e uma objectividade sincera que não são incompatíveis com o idealismo mais alto e mais puro. Todos os profetas, de Isaías a Karl Marx, prometeram aos homens o paraíso na terra: a liberdade, a paz, a justiça, o amor fraternal. Chegou o momento de dar uma expressão viável e real às aspirações confusas que andam dispersas no espírito das gerações e na cadeia dos séculos.

O fundamento ético das concepções expostas pelo ministro dos estrangeiros britânico tem de ser justamente apreciado em todos os recantos do mundo onde se colocam os factores morais e os valores do espírito no primeiro plano das realidades actuais. Suprimir o dogma da força, atenuar as desigualdades inevitáveis, restabelecer o primado do direito são as regras naturais do evangelho da paz. Sacrificando o sangue dos seus melhores filhos por uma causa tão nobre, a Gran-Bretanha significa que a guerra é transitória e destruidora e que só a colaboração bem entendida entre as nações conduz a resultados fecundos.

O OBSERVADOR

A marcha da guerra

A guerra prolonga-se. A blitz Krieg deixou de o ser. Pode alinhar alguns resultados parciais, mas o total, e isso é o que importa na guerra, ainda está longe de ser obtido. Contra ou favor de quem trabalha o tempo? As acumulações de material bélico, na Inglaterra, a sua densidade militar cada vez maior, o que já nos revelam as estatísticas de produção Yankee no capitulo de aviões, tanks e navios, são factores decisivos, na marcha do conflito.

A esquadra americana está já escóttando os barcos mercantes, numa acção de vigilância que se faz sentir no Atlântico. Diminuiu o número de navios afundados. A batalha oferece agora um aspecto diverso do que apresentava nos meses de Inverno. O facto mesmo da guerra ter saído do centro continental para a periferia alargando assim as suas linhas de comunicação interior, com todos os problemas que lhes dizem respeito, é mais uma pedra a favor daqueles que jogam no tempo, na resistência e na defesa durante 1941.

2.000 imagens por segundo

2.000 imagens por segundo! Tal é o esplendido resultado obtido com a nova câmara «Western Electric» para o filme de 16 milímetros. Esta câmara, que é capaz de fixar duas mil imagens por segundo — ou sejam 7 milhões e 200 mil imagens por hora — e registar o tempo no mesmo tempo — acaba de ser posta ao point nos laboratórios da «Bell Telephone». Graças a este aparelho, que não pesa mais de quinze quilos, torna-se possível, de aqui em diante, registar, duma só vez, sobre filme, todas as velocidades, mesmo aquelas que sejam à razão de 300 a 2.000 imagens por segundo e os seus tempos correspondentes, com uma precisão 1.100 de segundo.

As experiências feitas com esta câmara, nos laboratórios da «Bell Telephone», mostram que o «toque» dum jogador numa bola de «golf» parecia reduzir o tamanho daquela em 1/2. Esta Câmara permitiu ainda revelar, dentro duma fábrica, os defeitos do mecanismo duma série de motores. Graças a elas, todos os defeitos foram descobertos, imediatamente, durante a projecção do filme realizado com esse propósito.

A Síria

O problema da Síria que dia a dia se agravava, tomou agora um aspecto fácil de prever. A Inglaterra, que muitas vezes tinha sido acusada de longanimidade, de generosidade excessiva, mesmo contra os seus interesses vitais — veja-se o que se passou na Noruega, Holanda, Bélgica, Dinamarca, etc. — tomou agora a atitude que se impunha à sua consciência, opondo-se à infiltração e elementos estranhos nos paizes árabes, aos quais está ligada por compromissos de defeza comum.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA

Editor: ROCHA RAMOS

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O EXÉRCITO DA ÍNDIA QUE, NA OUTRA GUERRA, ALISTOU NOS CAMPOS DE BATALHA UM MILHÃO DE SOLDADOS, CONTRIBUIU AGORA, EFICAZMENTE, PARA O RESTABELECIMENTO DA ORDEM NO IRAK

O FIM DUMA AVENTURA

A Inglaterra com a simpatia e o apoio dos povos árabes constituiu agora um forte bloco no Próximo Oriente

No dia 3 de Abril, Rachid Ali apoderou-se do poder em Bagdad. Um golpe de Estado, dado no momento em que o regente e o parlamento do Irak se encontravam fora da capital, favoreceu os seus planos. A guerra ameaçava estender-se ao próximo Oriente criando novas e perigosas complicações. Em menos de dois meses a situação restabeleceu-se graças à energia do governo e do comando britânico.

Para os que esperavam dum levantamento do mundo árabe o enfraquecimento

da causa da Gran-Bretanha, o malogro desta aventura causou uma profunda desilusão. A tentativa mal sucedida redundou em benefício da causa que se procurava atingir. Basta olhar o mapa para se verificar a solidez das actuais posições britânicas no Mediterraneo oriental: com as suas grandes avançadas sólidamente mantidas em Chipre e em Malta, a Gran-Bretanha domina, controla ou influencia todo o "hinterland," continental que se estende desde o Oceano Índico até ao Mar Negro. O Egipto, com a região do

Suez, a Palestina e a Transjordânia são os pilares sólidos em que assenta o domínio britânico. Uma retaguarda poderosa constituída pelo Sudão e pela Abissínia, continua-se pelos países amigos ou aliados da Arábia e pelo Irak onde se restabeleceu a ordem e a normalidade. No extremo desta cadeia de alianças e de solidariedades, a Turquia afirma, mesmo perante as mais desagradáveis vicissitudes da luta, o seu propósito de manter inabalavelmente os compromissos assumidos com o governo de Londres.



Os soldados ingleses entraram em Mossul

O Mar Vermelho, o golfo de Aden e o golfo Pérsico são as vias fáceis de penetração que asseguram à marinha inglesa uma liberdade de movimentos absoluta, e o caminho por onde o auxílio americano começa a afluir em quantidades apreciáveis. É uma vasta superfície geográfica onde a diversidade dos povos se mistura com uma tendência comum: a fidelidade à amizade inglesa. Não parece tarefa fácil penetrar ou destruir esse bloco sólido onde se acumulam as tropas numerosas e experimentadas do General Wavel.

Os árabes, como os iraquianos, sabem o que devem à Gran-Bretanha. Por isso a aventura de Rachid Ali não teve o seu apoio nem a sua simpatia. Nenhuma propaganda, por mais hábil e eficaz, tem poder bastante para transformar a realidade dos factos. Ao fim de vinte anos, nem sempre passados na paz, o mundo

árabe sabe que a sua independência política, civil e religiosa é o produto dum longo trabalho em cuja evolução prepondera a vontade de cooperação da Gran-Bretanha. Os mais encarniçados adversários da causa britânica naquelas paragens, o Mufti de Jerusalém, Rachid Ali, foram, durante muito tempo, os seus partidários mais entusiásticos.

Conseguindo, com prejuizos mínimos, a ocupação da Abissínia, restabelecendo a ordem no Irak, acentuando a sua influência no Egipto, o exército britânico, em estreita colaboração com a armada, podem encarar, com tranqüilidade, a marcha das operações. Estas anunciam-se demoradas e difíceis. Razão bastante para que a Gran-Bretanha ponha, na sua condução eficaz, os recursos de que dispõe naquelas paragens.

As batalhas como a de Creta, iniciadas em nome dessa política de prestígio, não se traduzem por uma vantagem militar equivalente aos prejuizos e estragos que provocam.

A sua demora e a sua intensidade não encontram uma compensação substancial. Durante os dois meses que mediaram entre o golpe de Estado de Bagdad, que devia marcar o início dos levantamentos árabes contra a Gran-Bretanha, e a fuga de Rachid Ali, os ingleses puderam acumular no teatro de operações do Norte de Africa e do Próximo Oriente, novos contingentes trazidos dos Domínios, especialmente da Austrália e da Africa do Sul, e muito material moderno. O valor da esquadra e da aviação completam o valor da força que o exército representa. Entretanto o tempo passa. Este facto é dos que continuam a desempenhar uma influência decisiva na marcha das operações. A não ser que surjam quaisquer episódios imprevistos o Mediterrâneo Oriental continuará a ocupar as atenções gerais.



Os indianos, dos melhores soldados do mundo, dominam com segurança estes engenhos de guerra



UMA ESTRÊLA NO CÉU DE PORTUGAL

A famosa artista inglesa LILIAN HARVEY, que fracturou um pé na Suíça, no momento da sua chegada ao aeródromo de Sintra

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Alberto de Sousa

Para o grande artista que é Alberto de Sousa, Lisboa é toda bela. É como uma mulher que se ama, inteiramente, tanto nas suas virtudes, como nas suas imperfeições. Ele que a tem aguarelada em tintas de oiro, conhece-a como ninguém. Daí a sua indecisão em eleger um local, ou de marcar uma preferência. Mas é melhor lê-lo. Eis o que ele diz:

Pois, para mim, sempre embasbacado pelas velharias e ainda sob o meu particular ponto de vista artístico, os bairros antigos são os sítios de Lisboa que mais adoro. Isto talvez não queira dizer que sejam os mais lindos. Mas que são os únicos que têm profunda História e pitoresco, isso é pura verdade.

Aquêlê Largo do Chafariz de Dentro olhando o recanto das misteriosas colunas jónicas que ninguém sabe de que edifício vieram, destacantes no fundo escuro da rua escusa que se esgueira e se estreita, por onde se escoam varinas e se vêm ainda antigos galegos com o barril da água aos ombros; aquelas vielas de Alfama com os seus prédios coloridos de grandes empenas, seduz-me, e quero sempre desenhar e pintar!

Na Mouraria, o arco e o palácio dos Marqueses de Alegrete, a rua Silva e Albuquerque, encantam-me.

Na Madragoa, a movimentada Travessa do Pasteleiro, a rua do Machadinho e a do Guarda-mór, são dum interesse único.

E o Terreiro do Paço? Que lindo o monumento com a sua estátua equestre, cavalo e cavaleiro de bronze que o tempo coloriu de manchas verde-Veronaise, no seu pano de fundo do Tejo pelo qual perpassam grandes fragatas de velas vermelhas rodeadas de bandos ruidosos de gaivotas?

Muito lindos estes recantos de Lisboa dentre os quais não sei qual prefira.

Por esta razão, pensando bem, resolvo não me pronunciar por um só, mas posso afirmar que, sem receio de estar em desacordo comigo próprio, são estes restos da Lisboa do Passado que eu mais amo e mais saudades me trazem.

Mas se no fim duma tarde de trabalho abandono qualquer ponto predilecto dum bairro velho, subo apressado pelas artérias mais movimentadas da cidade e então em pleno Chiado, sinto-me bem. Folgo de estar em contacto com a elegância feminina, absorvo o ar distinto de Lisboa janota e perfumada...

Final estou desorientado com a pergunta! Ninguém fica sabendo pela minha boca qual o sítio mais bonito de Lisboa.

Gosto muito da terra onde nasci. Ali para a rua de S. Filipe Nery em plena Praça do Brasil.

Gosto muito de Lisboa!



Umás escadinhas da Mouraria, numa linda manhã de sol



Lisboa tem admiráveis cenários cinematográficos. Onde é isto? Descubra o leitor



Um trecho da Avenida

UM EPISÓDIO DA VIDA DE CHURCHILL

Como o Primeiro Ministro iniciou a sua
carreira militar

Iniciei em Sandhurst, em condições normais, a minha carreira militar. Ia aprender coisas novas. O programa incluía a tática, as fortificações, a topografia, os regulamentos e a administração militar. Havia, além disso, exercícios, ginástica e equitação. Só tomava parte no polo quem quisesse. A disciplina era rigorosa; eram longas as horas de estudo e de exercício. No fim do dia estávamos fatigados. Os meus novos estudos interessavam-me muito, sobretudo a tática e a arte de fortificações. Por vezes, convidavam-me para jantar na escola do Estado Maior que ficava a um quilómetro de distância.

Desde a guerra da Crimeia que o Exército inglês se não batia contra tropas brancas. Felizmente que ainda havia povos selvagens e bárbaros: zulus, afgans e derviches no Sudão. Alguns deles podiam, um dia, lembrar-se de começar a guerrear; podia também estalar um dia qualquer revolta na Índia.

Gostava muito de exercícios de equitação e portava-me bem. Meu pai arranjava as coisas para que durante as férias e os dias livres eu tivesse um curso complementar de equitação no picadeiro dum quartel da Guarda Real. Cai por mais duma vez. Quando, pela primeira vez, fui colocado numa unidade militar frequentei um curso de cinco meses. Depois, considere-me apto para montar um cavalo que é uma das coisas mais importantes deste mundo.

Desejo dar um conselho aos pais e, especialmente, aos pais ricos; não dêem nunca dinheiro aos seus filhos; dêem-lhes, um cavalo.

Em Sandhurst aprendi a conduzir-me e como é que os oficiais das diversas patentes devem tratar-se na vida e no regimento. O comandante da minha companhia, major Ball, do regimento de Galezes, era muito rigoroso e severo. Escrupuloso, reservado, duma delicadeza glacial, meticoloso, impecável, era o terror do regimento. Nunca tivera ocasião de se distinguir; mas todos tínhamos a certeza de que, se essa ocasião surgisse, preferia morrer a recuar.

Era costume, quando saíamos do colégio, escrever o nosso nome no livro de saídas da companhia, o que equivalia a uma autorização. Um dia, guiava eu um «tandem alugado», e ia a Aldershot onde um amigo meu andava em manobras com um batalhão de milicianos, quando encontrei o major Ball que regressava a Sandhurst guiando um elegante «dog-cart». Cumprimentei-o e lembrei-me de que não tinha escrito o meu nome no livro de saídas. Pensei que, entretanto, poderia remediar o mal, chegando ao colégio antes dele. Encurtei a visita que devia fazer ao meu amigo e apressei-me a voltar, com a possível rapidez. Eram seis horas quando entrei no colégio. Percorri o corredor até à mesa onde se encontrava o livro de saídas. A primeira coisa que vi foram as iniciais «O. B.» do major, no fim da fôlha do livro correspondente àquêle dia. Era demasiado tarde. O major vira-me em Aldershot e reparara que o meu nome não estava no livro. Olhei com mais atenção e verifiquei que êle tinha escrito, pelo seu próprio punho, o meu nome rubricando, depois, a fôlha, com as suas iniciais.

Este episódio elucidou-me sobre a vida e os hábitos do velho exército inglês onde a mais rigorosa disciplina se poderia manter entre os oficiais sem que estes deshonrassem os hábitos da boa sociedade. Depois daquela lição não cometi mais negligências idênticas.

No Inverno de 1915 deu-se uma cena seme-

(Conclue na pág. 29)



A Inglaterra encontrou a sua alma — é Winston Churchill

ALLÔ, JACKIE!

COM o ar grave de quem cumpre uma formalidade indispensável ao sossego da grei, os srs. funcionários das Alfandegas tomam os pontos estratégicos da ponte. Três jornalistas e um fotógrafo, à última hora informados, dirigem olhares inquisitoriais para os passageiros, que muito naturalmente tendo ceado em Nova York, se dispõem a almoçar em Lisboa... — quem será aquele «tipo» ágil e pequenino, entradote em anos, mas vigoroso como um rapaz, de feições equivocadamente orientais?... — O Renault?!

— Estás doido! Palavra de honra, que está em Vichy!...

— Em Londres, queres tu dizer!...

— Pelo sim, pelo não, faz-se o «boneco»...

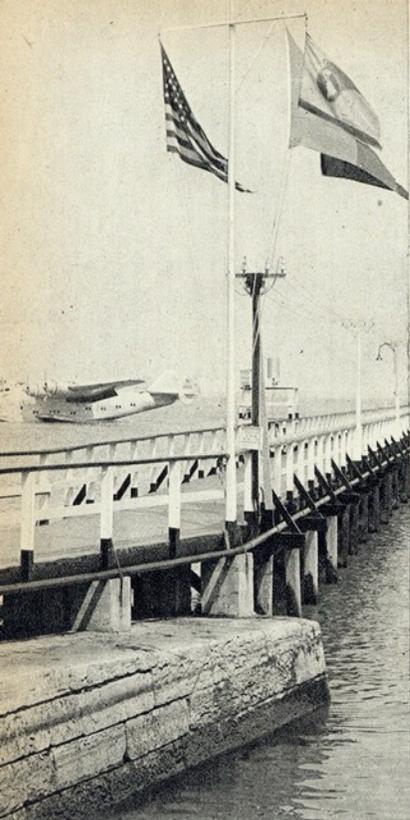
Sorrateiramente o repórter fotográfico cumpriu a sua missão... Assim fôsse aquele o Renault!... — Era apenas um comerciante americano, que vem vêr os seus negócios em terras da Europa... — Devia ser proibido «usar caras» de gente importante!...

— Allô, Jackie?! Com uma caçadora que lhe tolhia os movimentos e um chapéu com sua pluma, arrogante e cavalheiresca, o Jackie, ao colo de sua loira mamã olha desconfiado o pai... Há seis horas que o meteram dentro de uma caixa... Depois, muita gente ofereceu-lhe chocolates e bananas!... gente que ele nunca vira... E para cúmulo apresentam-lhe aquele «tipo» que ele vagamente conhece e que trata com familiariedade... Ali, há coisa! É um caso complicado êste o de Jackie! É talvez melhor dormir um sono!... A pluma cavalheiresca amarrotta-se pesadamente no ombro da mamã... Também o elmo do herói sevilhano pousou docemente no colo das «donas» de Andaluzia...

E mais passageiros... uma senhora pecadora, daquelas que sem ser por mal, ocupam o espaço vital de duas criaturas, amparada pelo braço gentil de um tripulante desembarca. Venham cá com a teoria das «miss» loiras e diáfanas!... Cantigas?... Também nas duas Américas existem os respeitáveis modelos da matronas romana!... E se não, vejam estes noventa quilos, bem pesados, avançando cautelosamente sobre a ponte...

Gente que tomou tranqüila e burguezmente, a sua passagem do «Clipper», com a mesma convicção de que não arriscava mais, nem coisa diferente, do que quando demandava a velha Europa, a bordo do «Keen Mary»... Entre o velho e o Novo Mundo a rota é a do «Clipper»... Os barcos luxuosos do «Loyds» com a sua equipagem de criados e «grooms», suas piscinas e modalidades do «Claridge» estão desviados para o transporte de armas e munições e atravessam o oceano a caminho da Inglaterra, galhardos e imponentes, à marcha da tabela como no tempo que transportavam burguezes em góso de férias.

Fernando Calixto



Amarou o «Clipper». O grande pássaro pouza no Tejo depois do seu vôo sôbre o Atlântico



Outro avião chegou. A tripulação americana cumpre as formalidades aduaneiras



Uma mala caprichosa de senhora que veio direitinha da 5.^a Avenida para Lisboa. Frascos de perfume, flores das Bermudas, um romance de Pearl Buck e deliciosas ninharias femininas



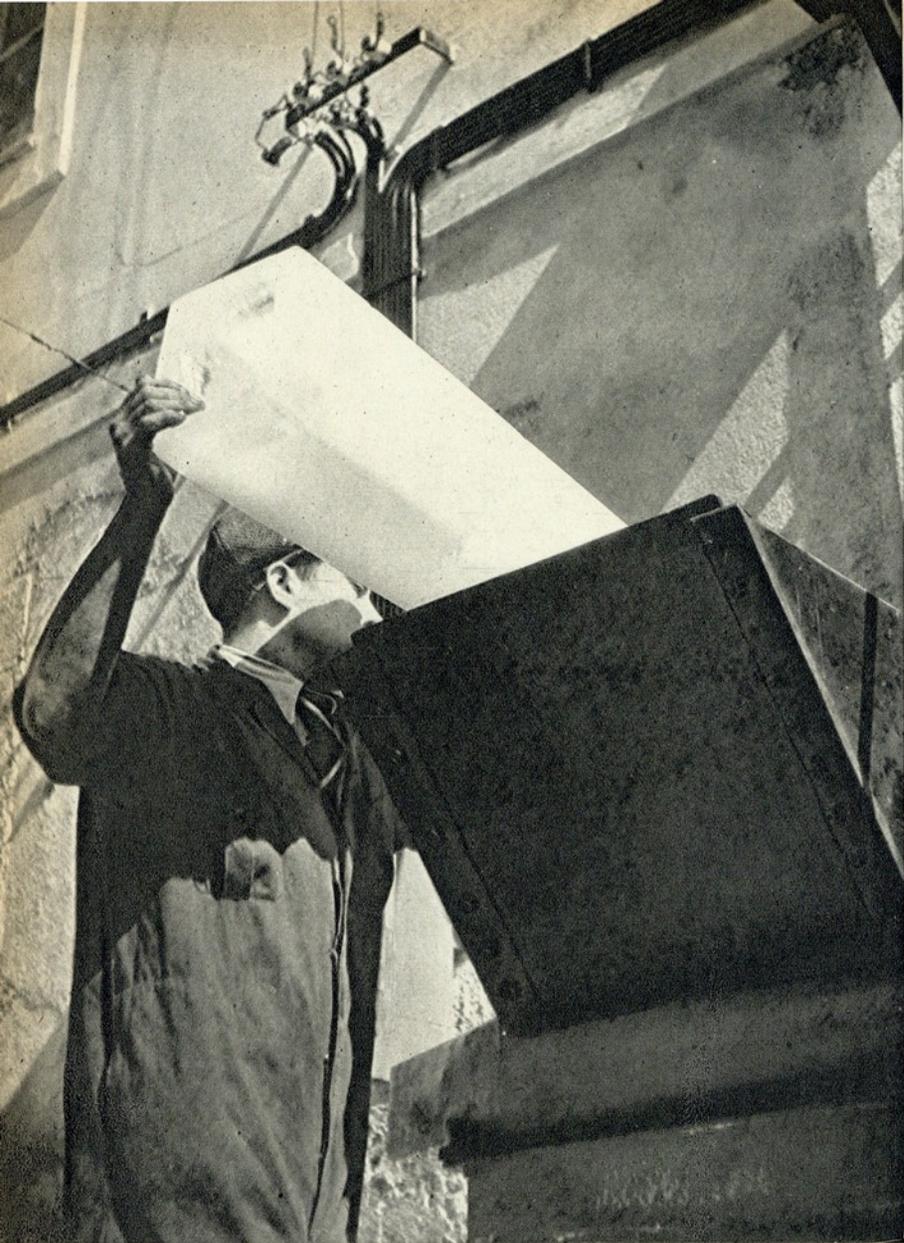
A Inglaterra acima de tudo! — exclama varonilmente o soldado que vai partir. Neste beijo de ternura palpita a alma sagrada da pátria



WESTMINS

CITY OF WESTMINSTER

Londres subscreveu com 100 milhões de libras para a semana dos armamentos. Miss Ursula Lloyd-Bennett encontrou esta forma sugestiva de propaganda



As barras são transportadas para a câmara frigorífica. Lisboa armazena neve para o verão, se é que ele ainda vem

LISBOA, zero graus!

Em pleno Verão, nesses dias de calor insuportável, em que o termómetro oscila entre os 30 e os 40 graus positivos, Lisboa, cidade do Sol, sente a nostalgia das paragens frias, das planícies geladas que alastram até ao infinito, e gostaria de ver os telhados cobertos de neve.

Há bocas sequiosas que não pedem beijos, mas suspiram pela delícia suprema de um sorvete ou uma carapinhada, a fundir-se em cristais de gelo, de doce e perfumada frescura.

Enquanto nos «bares», nas cervejarias nas esplanadas, a multidão sufocada e ruidosa consome toda a sorte de gelados e bebidas frescas, ao mesmo tempo que nas praças soalheiras as pedras quasi estalam de sede, sob as ardências de um sol de fogo, há lugares onde a temperatura desce aos 25 negativos.

Lisboa, em pleno Verão consome nada menos de 3.000 toneladas de gelo e para alimentar esse desejo de frescura que atormenta uma cidade abraçada, as fábricas não param no seu labor.

Uma pedra de gelo que mata a sede de uns lábios rubros, estonteantes, que se querem sempre abraçados de desejo, vale um diamante.

Os cristais que gelam o «champagne» em vasos de prata podem valer uma fortuna; um pedaço de gelo a flutuar num capilé que regala é o alívio de uma alma plebeia, sem ambições.

Para uma multidão de trabalhadores ignorados, esses cristais de gelo com cintilações de pedrarias, que às vezes entopcem os dedos calejados, é ouro — o pão de cada dia.

Os contrastes vibrantes das energias



A água que enche estes cubos vai ser submetida à temperatura necessária para congelar

que se combinam para a transformação dos elementos em outras energias produtoras tem expressões magníficas nas fábricas de gelo, onde a electricidade ou o fogo accionam complicados maquinismos e através destes a água passa ao estado sólido, pela quebra de temperatura.

Imaginem um tanque rectangular de 8 por 5 metros, com 1 m e 50 de fundo. Dentro desse tanque, um recipiente com calças, também rectangular, que a água inunda. Em volta, entre as paredes do tanque e daquele recipiente, medeia um espaço destinado a uma solução de água salgada, que estabelece temperatura neutral, para efeito isolador, como o vácuo.

A' volta, uma serpentina, movida por um compressor, dá passagem a certa quantidade de amoníaco anídrico, proveniente de garrafas metálicas; este, impe-



A câmara frigorífica parece uma cripta de alabastro. Quatro graus negativos! Uma muralha de gelo constantemente renovada



As colunas de gelo, impecavelmente talhadas e que o mais pequeno raio de sol fundiria, parecem vidro coalhado. Eis uma imagem polar de reduzidas proporções, sem ursos brancos, nem esquimós, que nem sequer nos refresca a visão nestes dias de chuva e de vento



Não é um explorador polar, mas um simples operário acostumado às baixas temperaturas que domina este mundo branco e frio de beleza



Cristais de gelo que parecem diamantes extranhamente amontoados e que servem para a conservação de peixe

lido pela pressão, circula através dos compartimentos e estabelece a temperatura própria nesses pequenos frigoríficos. A solução de líquido isolador era obtida com cloreto de cálcio, que congela até 25° negativos, mas devido à carestia do produto, empregam, agora, o cloreto de sódio (sal), que proporciona uma temperatura de 15 a 18 graus abaixo de zero.

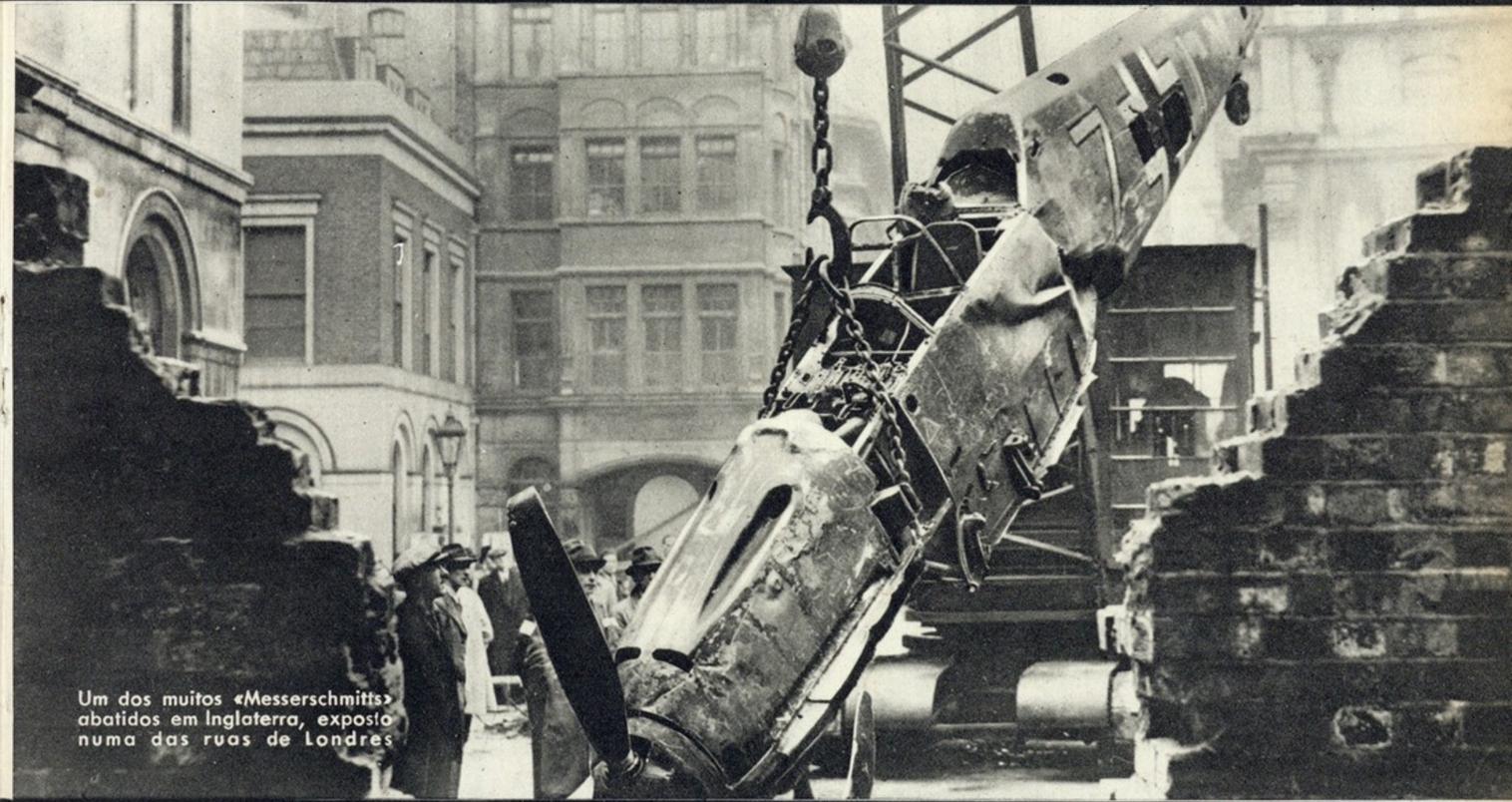
O tempo de fabrico das barras de gelo depende da espessura das mesmas. As de 1 metro de comprimento e 25x25 de espessura saem das fôrmas de ferro galvanizado, ao cabo de 12 horas. Há uns guindastes que levantam as caixas dos tanques e, depois, as pedras são submetidas a um banho de água tépida (o banho de descongelação), para poderem sair das fôrmas. Passam às câmaras frigoríficas de onde são distribuídas para a venda ou para a brita que as transforma em cristais. Estes têm várias aplicações e os navios de pesca carregam-nos às toneladas. Quasi todos os barcos fazem provisão de gelo britado, entre 100 a 1.000 toneladas.

Quando o calor aperta, a produção sobe e o consumo, na cidade, atinge, então, as 3.000 toneladas de gelo que, também, é feito nas fábricas de cerveja. Toda uma complicada engrenagem se move para um simples objectivo: produzir o frio que solidifica a água. Esta corre para os tanques em torrentes, com fulgores de cristal ou cai do alto, gotejando de mil orifícios, em chuva de lágrimas que o sopro álgido transforma em pérolas.

LONDRES, a primeira fortaleza do IMPÉRIO



Os bombeiros de Londres, que nobremente defendem a cidade, venceram mais uma vez

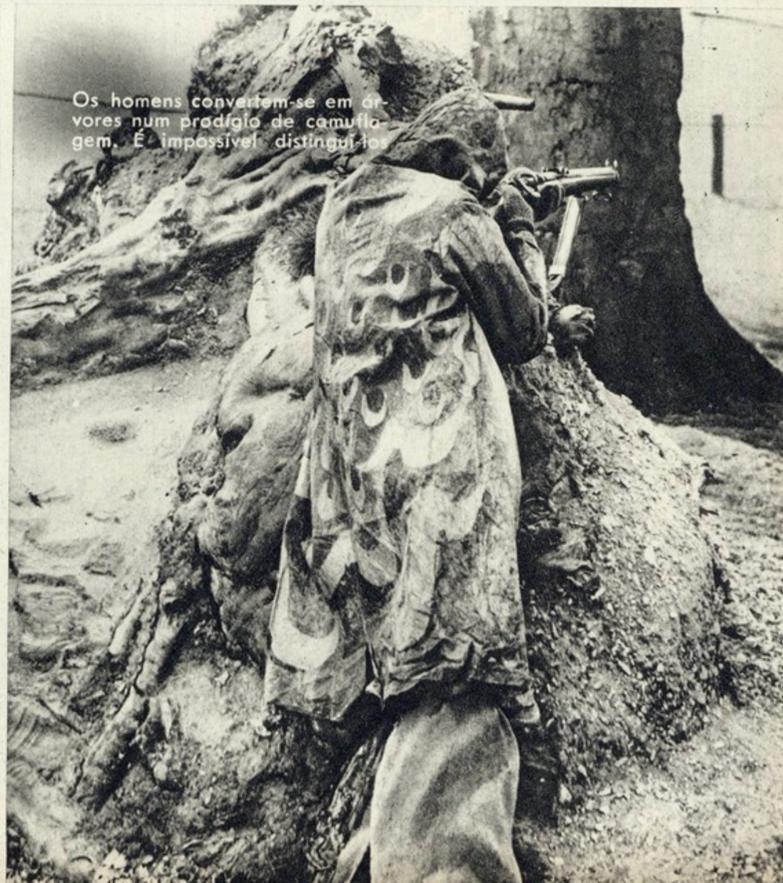


Um dos muitos «Messerschmitts» abatidos em Inglaterra, exposto numa das ruas de Londres

Londres é a alma da Inglaterra, dessa Inglaterra que hoje conta 8 milhões de baionetas e está pronta para a luta. Espera-a impassível, com a sua formidável organização militar, a mais poderosa, a mais extraordinária de todos os tempos. Pouco mais de um ano bastou para a Gran-Bretanha passar da paz para a guerra. Rodeiam-na os navios da maior esquadra do mundo e uma formidável cobertura aérea. A «Royal Navy» e a R. A. F. completam-se no domínio do mar e do ar.



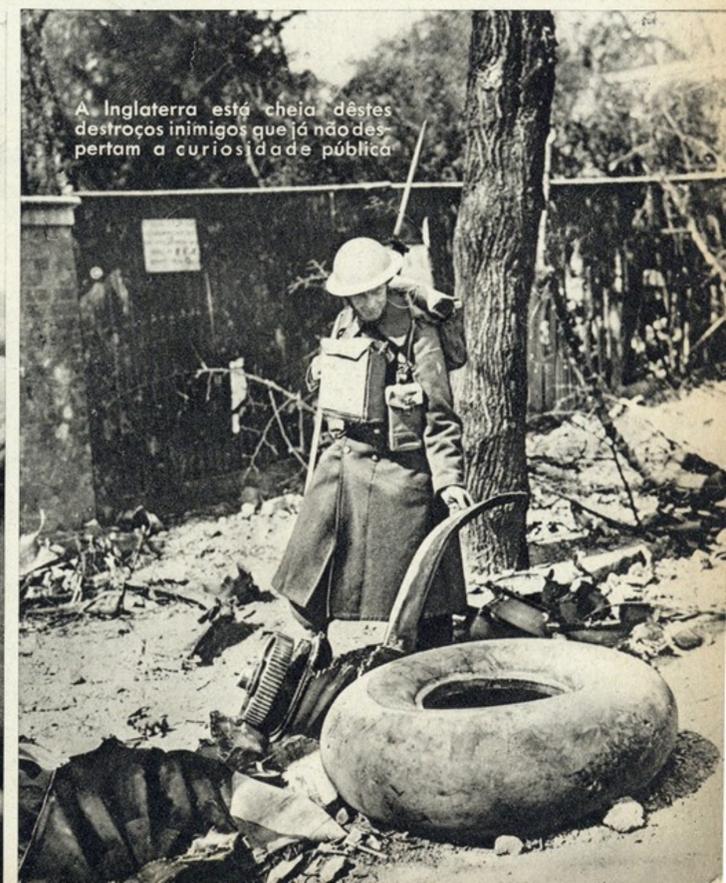
Depois do afundamento do «Bismark», lendo com orgulho as façanhas do seu navio



Os homens combatem-se em arvores num prodígio de coragem. É impossível distinguir



Um «lobo do mar», deveras satisfeito, faz a estatística das minas roçegadas pelo seu navio



A Inglaterra está cheia destes destroços inimigos que já não despertam a curiosidade pública

OS PORTUGUESES SÃO INTELIGENTES?

Nem todos estão contentes com a sua sorte! Há existências que se consomem em angustiosa e permanente insatisfação ou se tornaram inúteis, por haverem falhado na sua missão! Quantas vidas cumprem um destino diferente, por terem errado uma tendência natural, uma vocação prometedora! Há caixeiros que dariam excelentes comerciantes, advogados que seriam ótimos agricultores, escrivãos que talvez fossem magníficos engenheiros, hábeis mecânicos, exímios guitarristas; há médicos que trocariam as batas brancas pelas mangas de alpaca de pacíficos burocratas!

Mas, porque erram tantos nas suas tendências naturais? porque há tantas vocações perdidas, desviadas do seu curso natural? Porque há tanta gente inconformada com a sua sorte?

É uma questão de acaso;

não é um caso de pouca sorte. Há os que são médicos, engenheiros, especializados em qualquer ramo científico, por

acaso — para manter tradições de família, para ocupar um lugar na sociedade, quando não pelo simples rótulo de um título.

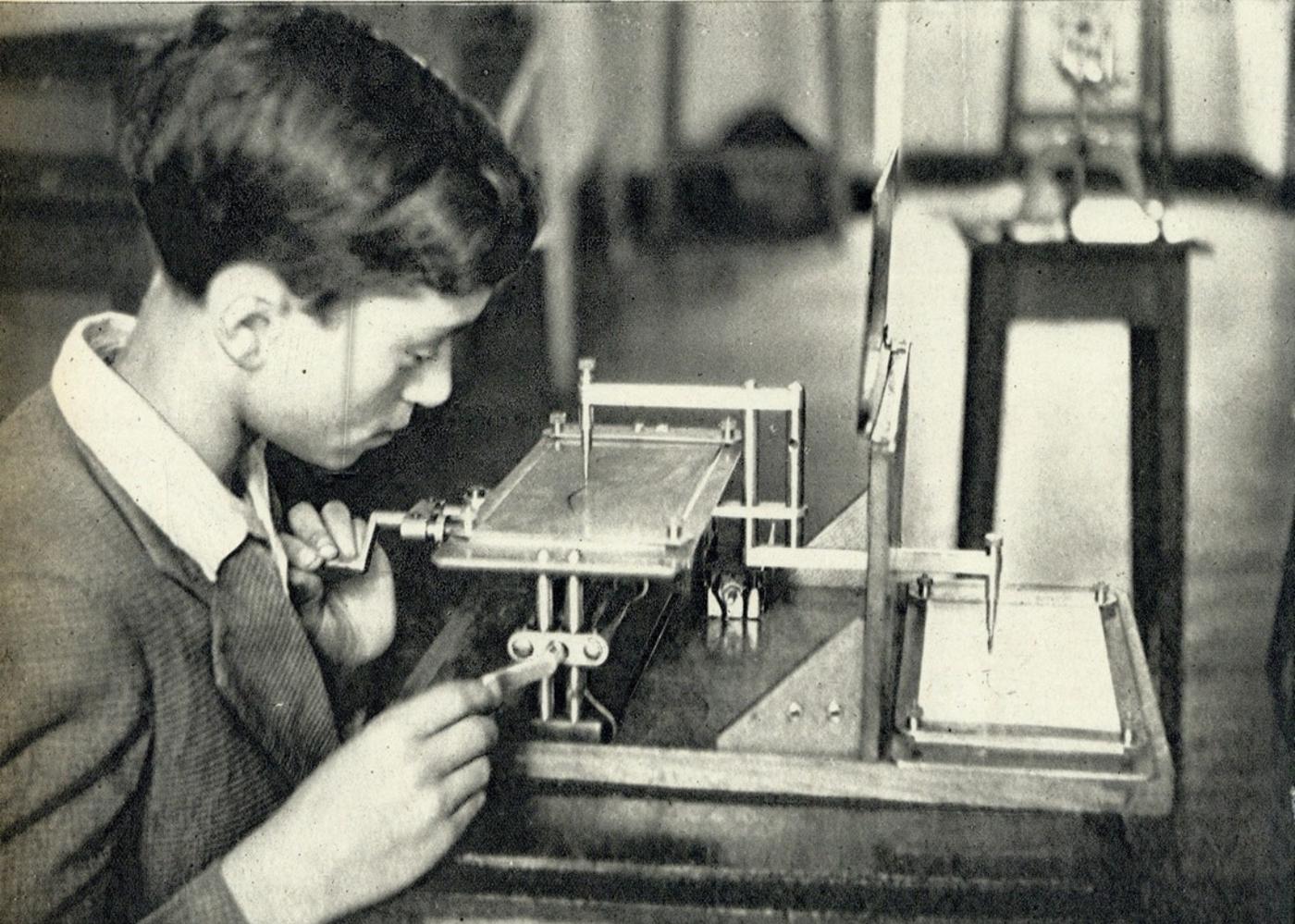
Perdem-se, assim, vocações magníficas, espiritos fulgurantes que se tornam inúteis e seriam aproveitados na tarefa comum, se o sistema da justa e rigorosa selecção prevalecesse sobre o princípio desordenado da escolha das profissões, ao acaso.

Está dito que a selecção de valores profissionais constitui um problema fundamental na organização das sociedades modernas que aspiram a um justo equilíbrio e de importância transcendente para a prosperidade de economia e revigoramento intelectual dos países progressivos.

A tarefa das pesquisas para a descoberta da inclinação natural do indivíduo, na classificação e arrumação ordenada, constitui um fundamento da moderna pedagogia. Esse trabalho científico incumbe, entre nós, ao Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa



Esta rapariga demonstra as suas aptidões mecânicas reconstituindo um aparelho de estrutura elementar, que não é tão simples como parece. Num breve espaço de tempo tem de demonstrar que sabe colocar todas as peças no lugar onde se encontravam antes de começar o exame



Como se avalia a sensibilidade ocular. O aluno está prestando uma boa prova num trabalho intenso de aplicação visual. Tem de seguir com toda a atenção o ponteador deste perfurador no papel sobre o qual está traçado um complicado desenho



escolha da profissão. Um futuro alfaiate demonstra a sua aptidão manual, cozendo à máquina



Olhos vendados como num filme de «cow-boys». O que se pretende fazer é um controle à memória



Um aparelho para medir a resistência muscular. Quando será serralheiro?

Barbosa de Carvalho. A sua função inicial consiste, pois, em captar as sugestões mal definidas da psicologia infantil e, como diz a sr.^a dr.^a D. Maria Carolina Ramos, que tem profundado o estudo destes problemas, orientar, no sentido de que sejam aproveitadas ao máximo as vantagens e qualidades de cada um, para maior eficiência, isto é, para que cada um atinja, com um maior rendimento, uma média elevada de satisfação individual.

O Instituto, instalado no antigo palácio dos condes de Tomar, no largo da Misericórdia, e dependente do Ministério da Educação, é um estabelecimento modelo, considerado entre os melhores do género na Europa. Dirigido pelo sr. prof. dr. Oliveira Guimarães, antigo lente de Coimbra e actual director da Faculdade de Letras de Lisboa, reúne um núcleo valioso de competências, professores e técnicos especializados nesse ramo de actividade científica, alguns dos quais são nomes conhecidos, como os dos professores Emilio Costa, Manuel Subtil, Gonçal-

ves Viterbo, além de outros. O secretário é o sr. dr. Luciano Monti Alverne de Sequeira.

Passam por ali alunos de todas escolas e estabelecimentos de educação ou aqueles que procuram conhecer as suas possibilidades de adaptação profissional.

A selecção natural faz-se por meio de provas e observações de complicada pormenorização, a que são submetidos os estudantes, em determinados períodos, combinados com os labores escolares.

Uma aparelhagem perfeita, de vibração delicada, mede, pesa, ausculta e assinala as vibrações dos músculos e as reacções da inteligência. Ao mesmo tempo, é feita a observação clínica do examinando, enquanto os professores ordenam os pormenores de uma atenta observação psicológica. A reportagem fotográfica que valoriza esta crónica, como autêntico documentário da actividade naquele Instituto, focou alguns dos aparelhos em pleno funcionamento. Assim, por exemplo, o peritrimómetro, que serve para o controle muscular do braço; o kinéri-

—ergógrafo, para medir a «memória muscular»; a bomba de armar, para reconhecimento das aptidões mecânicas; o relógio de complicação, para coordenar as faculdades auditivo-viso-motrices, e os aparelhos propriamente para se reconhecer a aptidão profissional, como a «máquina de costura», dos alfaiates — cada um deles funciona com uma função distinta no conjunto de observações que habilita a uma classificação lógica e segura, «pela investigação científica, tanto no domínio da psicotécnica do sujeito, como na do objecto».

No Instituto descobrem-se vocações latentes, objectivos de inteligências precoces, ainda em formação, no período em que mais facilmente se apreendem as sugestões do mundo exterior, tendências para a arte ou a ciência, aspirações humildes, sonhos luminosos, desejos recalçados no íntimo, muitas vezes aquilo que só mais tarde o individuo compreende e lhe desperta a noção do seu valor, a consciência da personalidade — quando, talvez, seguiu na vida

rumo oposto e já não pode retroceder ao princípio do caminho percorrido, às cegas.

Quantos não teriam falhado na profissão que lhes impuzeram, se pudessem ter escolhido livremente o seu officio ou se os tivessem guiado para descoberta das suas tendências naturais?! Alguns, ainda a tempo de se conhecer, podem recomençar; mas quantos ficam para sempre incompreendidos e inaptos nos meos incompatíveis com as suas aptidões!

O princípio de selecção de autênticos valores é incompatível com preceitos de castas, convenções de sociedade, interesses ou tradições de famílias. Tem um significado social mais amplo. Orienta a educação do individuo e coloca-o no lugar que lhe compete, segundo os méritos e as aptidões reveladas.

Nada impediria, se o principio vigorasse, generalizado, que o garoto humilde, tristonho e pensativo, destinado ao plano obscuro das profissões subalternas, no qual ninguém reparou, visse, um dia, realizado o seu sonho íntimo — ser Alguém...

FIGURAS E FACTOS



A II Exposição Nacional de Floricultura, promovida pela Câmara Municipal

O Chefe do Estado e o sr. eng. Rodrigues de Carvalho, admirando um lindo macisso de hortensias



O sr. dr. Oliveira Salazar quando, há dias, esteve na Tapada da Ajuda



Um grupo de crianças refugiadas que foram recolhidas na Colónia Balnear Infantil do «Século»



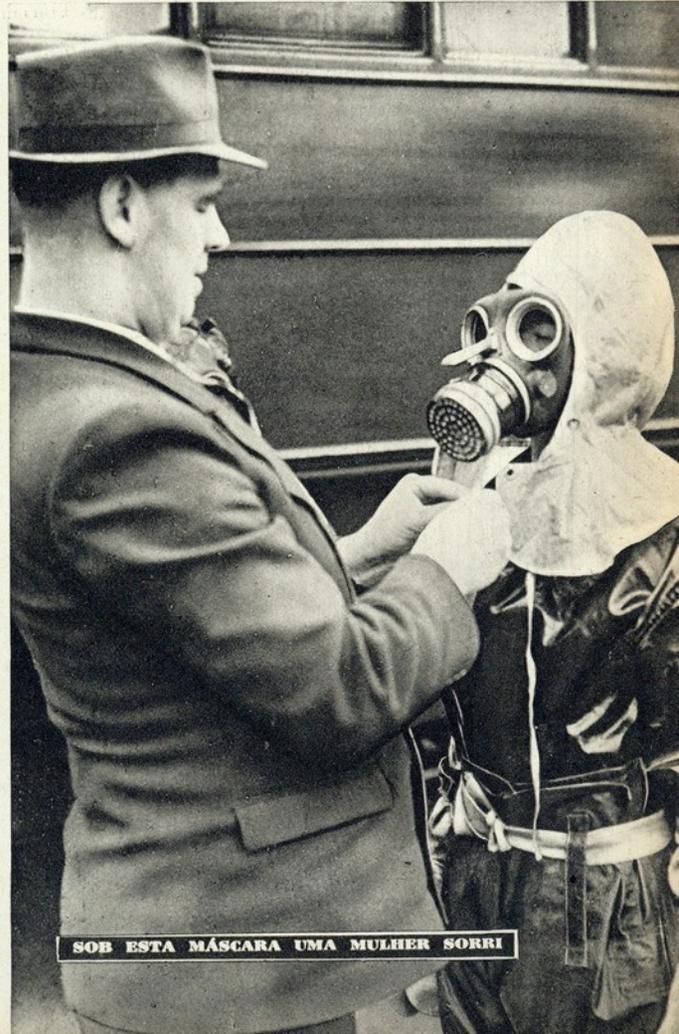
A homenagem das Câmaras Municipais ao sr. ministro das Obras Públicas



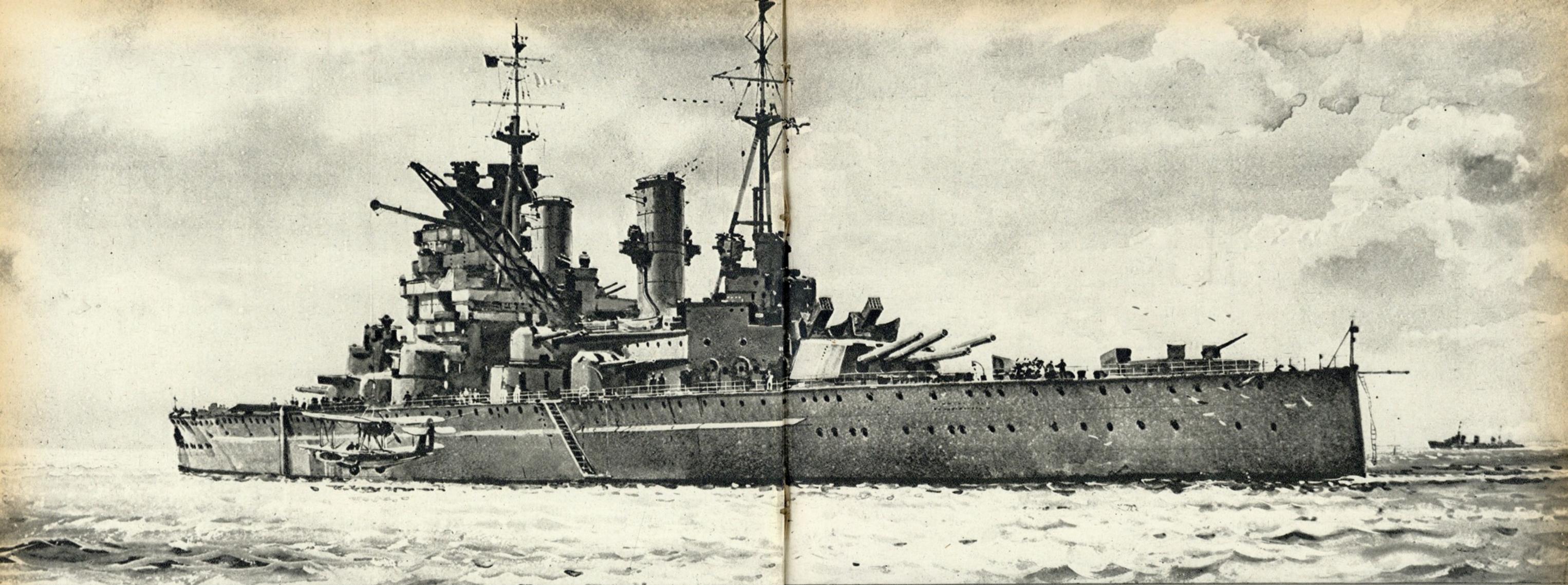
UMA EQUIPA FEMININA INGLÊSA QUE TRABALHA NOS CAMINHOS DE FERRO



O PRÍNCIPE DA NORUEGA EM LONDRES



SOB ESTA MÁSCARA UMA MULHER SORRI



O NOVO COURAÇADO "PRINCE OF WALES" DE 35.000 TONELADAS QUE, AO LADO DO "RODNEY", FOI O PRIMEIRO DA "HOME FLEET" A ABRIR FOGO CONTRA O "BISMARCK"

Uma bomba deflagrou junto de Tobruk. Soldados australianos contemplam indiferentes o espectáculo



Um grupo de alemães aprisionados no deserto da Cirenaica. São soldados de carros de combate destruídos pelas forças imperiais inglesas



A heróica defesa de Tobruk, cunha de aço cravada no flanco do inimigo. Eis o seu comandante militar atravessando uma das ruas da cidade



Depois duma longa marcha, no deserto da Líbia este soldado inglês, vai refrescar-se no Mediterrâneo



A AUSTRÁLIA NA GUERRA



São assim os australianos

“AQUI estamos! Contai conosco!...”

Assim responderam os australianos ao brado lançado pela Gran-Bretanha a todos os Domínios, em Setembro de 1939. E logo puseram em plena actividade uma poderosíssima máquina de guerra, que tem prestado os mais relevantes serviços à Mãe-Pátria, tanto fornecendo-lhe centenas de milhares de valorosos combatentes, cujo heroísmo no combate se tem afirmado brilhantemente, como armamentos e material de toda a espécie, fabricado dentro dos mais modernos e eficientes processos que a actual luta exige.

A terra fornece-lhes preciosíssimos jazigos auríferos e de carvão de pedra, minas de ferro, cobre, chumbo argenteo, estanho, zinco e manganês. A aveia, a cevada, o milho e o trigo atingem uma produção elevadíssima, a que se reúne, num apreciável paralelo, a cana de açúcar. A criação de gado de todas as espécies é, igualmente, duma importância excepcional. Tudo isto, aproveitado habilmente por uma população onde o nível da cultura intelectual e físico anda a par das maiores energias e do mais acentuado amor ao trabalho, assim como duma ânsia, sempre crescente, de progresso, deu à Austrália possibilidades de, em algumas dezenas de anos, enfileirar ao lado dos países mais bafejados pelo progresso e pela civilização.

Ao chegar, em 1939, a hora da luta sangrenta, aquele grande continente pôde, sem dificuldade de maior, accorrer ao apêlo da Inglaterra. Todavia, quis fazer tanto quanto pudesse permitir-lhe o máximo de seu esforço patriótico. Uma delegação de notáveis peritos reorganizou a sua produção de munições e material bélico e tão brilhantemente a elevou que os técnicos britânicos foram forçados a manifestar a sua profunda admiração e o seu assombro pela qualidade e a quantidade atingidas.

Foi tão longe a sua actividade produtiva que também conseguiu construir, com admirável êxito, os aparelhos bombardeiros-torpedeiros «Bristol-Beaufort», criados especialmente para as suas próprias condições atmosféricas. Em todas as regiões do país se intensifica, constantemente, o recrutamento de soldados, logo submetidos a uma modelar instrução militar, e são aos milhares os mancebos que frequentam as escolas de aviação, assim como os que delas têm saído com os seus «brevets», para tomarem o seu lugar no combate.

Assim, sem um desânimo e cada dia mais entusiasticamente é que a Austrália confirma a resposta que, em Setembro de 1939, deu à Inglaterra: «Aqui estamos! Contai conosco!...»

S. SABOYA

SIDNEY, CAPITAL DA AUSTRÁLIA, É UMA CIDADE MODERNA. UMA PONTE MONUMENTAL





Esta doce avó, mrs. Rose Hoffer, de 72 anos tem uma história — uma das muitas histórias do heroísmo indômito da população londrina. Uma bomba destruiu-lhe a casa, mas, apesar das ordens da polícia, teimou em ficar, indiferente ao fogo do inimigo. Por nada se separa da cidade querida, nem do seu netinho, soldado de palmo e meio, com o seu capacete de ferro, a quem sorri num mixto de confiança e de serenidade invulnerável. O medo, diz ela, não é uma palavra inglesa! A história de Londres é uma epopeia

AS REGATAS DE VELA

A vela é um desporto verdadeiramente internacional. Em todos os países banhados pelo mar ou cortados por largos rios ou que possuem bons lagos, como a Suíça, a vela tem proporções de desporto nacional, com centenas de clubes e milhares de praticantes.

Em Portugal, que possui uma vasta costa e magníficos e propícios rios, a vela teve, em tempos, apaixonados entusiastas.

A «Mocidade Portuguesa», talvez inspirada num discurso do Dr. Oliveira Salazar, no qual dizia da sua máguia por ver repletos os cafés e desertas as águas do Tejo, dedica hoje ao desporto da vela tão particular atenção que, podemos dizê-lo, este desporto alcançará em breve um desenvolvimento nunca igualado. Os progressos dos rapazes da M. P. são palpáveis. O número de barcos é já hoje importante e aumentará gradualmente, tal o carinho que tem sido posto na sua expansão.

Em meia dúzia de anos, os nossos velejadores serão em tão elevado número e adquirirão uma tal prática que lhes permitirá comparecer nas regatas internacionais, às quais só episódicamente temos concorrido.

A Inglaterra, Holanda, Dinamarca e os Estados Unidos são hoje os países onde a vela tem maior desenvolvimento, constituindo desporto obrigatório.

Em Inglaterra, sobretudo, a vela é cultivada com verdadeira paixão e desde longos anos. Não pode mesmo fixar-se o período da sua introdução. O episódio mais saliente refere-se a uma célebre corrida efectuada em 1 de Outubro de 1661 entre o rei Carlos II e seu irmão, o Duque York, num percurso de ida-e-volta entre Greenwich e Gravesend.

Só no século dezoito, porém, a vela começou a ter sólida orgânica com a fundação, na Irlanda, do Cork Harbour Water Club; depois vieram o Yacht Club de Cowes; o Royal Thames, o Royal Northern, o Royal Ulster, o Arundel Yacht Club, o Royal Hawick, o Royal Albert, o Mudhook Yacht, o Royal St. George, e são ainda os principais clubes.

O nosso rei D. Carlos — um grande desportista — dedicou particular carinho ao desporto da vela. Por isso mesmo se fez sócio do Club Naval e da Associação Naval, onde compareceu algumas vezes para realizar passeios à vela no Tejo. Mas a sua predilecção pela vela revelou-se mais amplamente no impulso que deu às regatas dos profissionais do mar e que anualmente se realizavam na baía de Cascais.

O grande Rei Jorge V de Inglaterra foi, como todos os ingleses, um homem de desporto e um apaixonado da vela. As célebres regatas transoceânicas, que se efectuaram entre a América e a Inglaterra, e às quais concorriam iates de vários países, e que alcançaram renome mundial, foram disputadas pelo rei Jorge em competição com os iates dos reis da Dinamarca e da Noruega.

Abrem-se novos horizontes ao belo desporto da vela e o pensamento de Salazar vai corporizar-se numa excelente realidade.

J. F.

A vela é um dos desportos favoritos dos ingleses

Página Feminina

de AURORA JARDIM

A SILHUETA DA MODA

Estamos na estação preferida pela mulher, para se vestir. De inverno, qualquer vestido serve por baixo do casaco. Agora, no verão, tudo tem que ser leveza e graciosidade. Há tecidos adequados para tôdas as horas e alguns verdadeiramente acessíveis.

Quanto a cores, o preto sem-

pre fica bem em todos os feitios, mas não se deve abusar: — um pouquinho de alegria é necessária em todos os conjuntos.

Vêm-se muito as pregas feitas com cordão por dentro; quando estão cosidas, formam relêvo, quando abertas, formam um plissado bem duro que se não desfaz.

Alguns *tailleurs* de manhã são guarnecidos a *cheveau* de tom contrastante, tanto em

botões, como em vivos ou entãos em arabescos nas algibeiras e no cinto que é vasado e deixa ver o tecido de côr diferente.

O casaco de verão tem o fôrro no mesmo tecido do vestido e, por fora, continua a ser mais claro do que êle. Até as blusas são feitas em dois tons diversos.

O casaco curto é direito ou largo. Nunca é cintado. Levemente mais comprido do que no ano passado. Côr viva.

O vestido tem cinta fina, roda espalhada regularmente ou junta à frente, mangas muito largas, apertadas no pulso.

Os casacos compridos são largos atrás e direitos à frente. Usam-se ou soltos ou fechados com um cinto no tom do vestido. Côres claras.

Nos *tailleurs*, as saias são em fôrma, alargando para baixo. Os casacos vão além da anca, sendo mesmo bastante compridos.

Os acessórios são novos e originais: sacas de madeira, sapatos na mesma sêda do vestido, solas de pau e vidro e bôlsas em malha de prata dourada. Luvas encarnadas por dentro e pretas por fora. Charpas com três e quatro côres. Lacinhos na botoeira, em vez de flôres. Meias nas côres dos vestidos. E muitas flôres, na botoeira, no chapêu e na luva de cerimônia.

Isto e Aquilo

Pele branca

Cansou-se de ser pele-vermelha e deseja voltar à «côr das açucenas»?

Então faça o seguinte: Ponha num saquinho de gaze 2 colheres (de sopa) de farelo e a casca sêca e ralada dum limão. Ate e mergulhe-o, durante 30 minutos num litro de água a ferver. Depois deite na banheira e misture com a água. Este banho amacia e aclara a pele.

Vidros limpos

Parta uma cebola ao meio e esfregue os vidros. Ficam como cristal.

Para impedir que a carne assada seque

Coloque ao lado do tacho um púcaro com água fervente: o vapor produzido impede que a carne fique sêca.

A SUA idade é 45



A SUA PELE acusa apenas 18

A mulher que apresenta um rosto moço, a pele fresca, sem rugas, sem manchas, sem qualquer dêsses sintomas de cansaço, tem a atracção das mais jôvens raparigas.

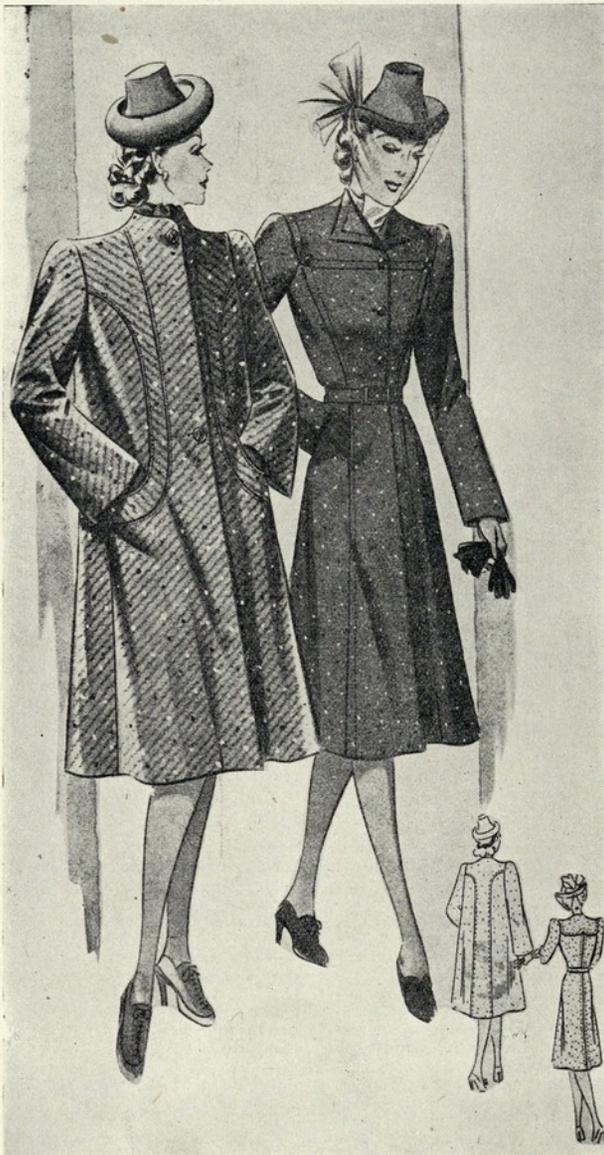
A idade não importa. Quantas vezes a glória de actrizes célebres se estende além de todos os limites da mocidade. E ouviu-se dizer: «Esta mulher já deve ter para cima de 45 anos! Mas que frescura de pele, sem uma ruga, sem um sintoma de flacidez nos tecidos do rosto. Parece que tem 18 ou 20 anos!».

No teatro português há um exemplo encantador dêste prodígio de mocidade eterna, graças à frescura da pele, e que tôda a sua vida de glória só tem ouvido bastantes... aplausos.

Em Paris, o berço de beleza eterna, onde se cultiva o «charme» da mulher, êste delicado problema do rejuvenescimento da pele feminina, foi sempre objecto de estudos científicos. A mais recente descoberta do Dr. Charpy, eminente dermatologista da cidade-luz, foi encontrar o processo de acelerar a alimentação das células dérmicas pela aplicação directa das vitaminas. A alimentação interna, embora cuidada e estudada, só lentamente fazia chegar as vitaminas à pele. A alimentação externa faz-se quasi instantaneamente.

A absorção dessas vitaminas applicadas no rosto dá resultados extraordinários: os tecidos rejuvenescem, as rugas cada dia que passa tornam-se menos fundas, diluem-se e desaparecem, os estragos naturais do vento, das poeiras, do ar forte do campo e do mar, ou ainda do ar viciado das salas de baile ou de espectáculo, são contrabalançados pela absorção das vitaminas que assim restituem, ao fim de poucas horas, tôda a vitalidade e saúde do rosto.

O processo do Dr. Charpy tornou-se realidade com o **Creme d'Argy**, creme de beleza à base de vitaminas, creme nutritivo por excelência, mais do que produto de beleza, verdadeira receita científica de resultados surpreendentes. Prepara-se em duas fórmulas: para de dia, o n.º 1, não gorduroso (tubo côr de marfim), como base para o pó de arroz; e, para de noite, o n.º 2, tubo côr lilaz, como tratamento da pele.



Os últimos casacos para as tardes frias

O SORRISO DE GIOCONDA

NOVELA DE CRISTIANO LIMA

Monotonia, muita monotonia. Falta de gosto, muita falta de gosto. Nestas duas frases se pode resumir a casa, o ambiente, dos Lopes Mendes. O chefe, António Lopes Mendes, era comerciante. E linfático. De manhã à noite, por detrás do balcão, cansava-se a estar de pé, a falar e a sorrir agradavelmente, aos fregueses.

Às 7 da noite, fechava a loja e apagava o sorriso. Ao entrar em casa para jantar, sentava-se e perdia a loquacidade. Viajava, dum aposento para o outro, com paragem em duas cadeiras. A do escritório, banal e modesto, até à hora do jantar; a da casa de jantar, para absorver a sopa, um prato substancial de carne assada ou guisada e o remate da refeição: uma chavena, a fingir de chinesa, de café de cevada. Fôra de amor o seu casamento. Mas isso sucedera há mais de 30 anos. Agora é e sua mulher entendiam-se tranquilamente; uma amizade invariável, e quase petrificada, os unia. Aborreciam-se ambos, mas de maneira moderada.

A filha, que se chamava Clara, tinha vinte e cinco anos, linfática por herança paterna, nervosa por influência materna, era adorada pelo casal, circunstância que aproveitava para não ajudar a mãe nos arranjos da casa e para se permitir algumas fantasias confi-

nadas em atitudes desprovidas de senso comum, mas inofensivas e económicas.

Tivera duas decepções que não a amarguraram: uma por cada namoro. Interessava-se, ultimamente, pelo filho da sua vizinha, um rapaz de vinte e dois anos, simpático de aspecto, moralmente banal e dum inofensividade mental indiscutível. O rapaz era um caso quasi prodigioso de memória — repetia o que ouvia dizer — e gostava de que o tomassem por pessoa inteligente e capaz de opiniões próprias. Simpatizava com a filha dos vizinhos Lopes Mendes mas como, a seu respeito, ela se desvendava distraía-se a adiar o dia da declaração. (Diga-se, de passagem, que os prazeres do rapaz eram escassos. As suas noites de cinema, mesmo em salas de «rêprise», eram mensalmente raras). E dizia-lhe o seu instinto que a rapariga, enquanto éle não definisse, com clareza, a sua inclinação sentimental, lhe daria grande atenção a tudo o que dizia. E éle gostava de ser escutado principalmente quando repetia o que ouvia aos outros.

Uma noite, falou à filha dos Lopes Mendes, com ligeira afeição, sobre o sorriso da Gioconda. Estirçou-se, num velho sofá, cruzou as pernas e disse:

— Há dois anos que o sorriso



da Gioconda me intrigava. Procurei, em livros de arte e critica, a explicação dêsse enigma da mulher da imortal obra de Vinci. Era de perfidia o sorriso da Monna Liza? A principio, acreditei. Um ano depois, afigurou-se mais plausível outra explicação.

— Qual? — inquiriu a filha dos Lopes Mendes simulando grande curiosidade e interesse profundo.

O rapaz descruzou as pernas e explicou:

— Como sabe, os quadros de pintura antiga sofrem transformações determinadas pelo tempo; transformações que os criticos de arte não podem, com certeza, avaliar. Aqui, neste caso especial do sorriso da Gioconda não havia, por exemplo, enigma a decifrar, mas um mistério gerado pela ignorância de muitas gerações; ignorância, pois, algumas vezes, secular. O sorriso da Monna Liza não era enigmático, mas descolorido. O tempo, que é o maior e o mais implacável de todos os assassinos, arrancava-lhe dos lábios, o carmim. E o sorriso ficara quasi sem vida, tornara-se vago, mas delicioso.

Parou um momento para pensar. Até ali dissera o que ouvira. Convinha-lhe, agora, tirar, éle próprio, uma conclusão. E tirou-a:

— Não posso olhar, sem tristeza, nas raparigas de hoje, os lábios pintados. Penso que elas, se os conservassem quasi exangues, ficariam, ao sorrir, com o aspecto de que eram um pouco esfingicas, tal como a Gioconda durante séculos. Ora nada mais embriaga um homem que desconhecer alguma coisa duma rapariga, principalmente se a vê todos os dias. Se elas aparentam ter um segredo, um segredo de alma, todo interior e psicológico, ganham prestigio, despertam interesse, podem gerar paixões. Se as raparigas de hoje soubessem!...

A filha dos Lopes Mendes mordeu, com despeito, os lábios que ela pintava excessivamente, para agradar ao rapaz. Na noite seguinte, apresentou-se, sem baton, ao filho da vizinha, e esperou o efeito.

O rapaz reparou que havia no rosto dela algo de diferente, mas sem compreender em que consistia. E disse-lho:

— Há hoje em você qualquer coisa de estranho.

Ela sorriu triunfante. Éle inquiriu:

— Está indisposta?

— Não... não estou — respondeu ela num tom que desmentia a afirmação.

Minutos passados, éle, como aliás o fazia tódas as noites, cruzou as pernas. E perguntou-lhe:

Porque não pintou os lábios? Estava habituado a vê-los dum vermelho vivo, cor de sangue, lábios próprios da sua idade, da sua juventude exuberante, da sua admirável...

Na noite seguinte, a filha dos Lopes Mendes tinha os lábios quimicamente vermelhos. O rapaz declarou-se-lhe e teve a resposta afirmativa com que contava.

Uma hora depois, éle descruzou as pernas, e confessou-lhe:

— Sabes o que me fez dizer-te hoje que gostava de ti? O sorriso que havia nos teus lábios.

— Que lhe encontraste para assim te agradecer?

— A mesma expressão enigmática que ha no da Gioconda. Vais dizer-me, agora, em que pensavas quando sorrias assim.

A filha do Lopes Mendes queria ter, como a Mona Liza, um sorriso que fôsse um problema?

— Não o afirmou. Mas não o hegou.

No dia seguinte contou, à sua amiga e confidente, que o filho da vizinha se lhe declarara.

— Sabes o que decidiiu?

— ?

— Um sorriso que eu tive e que éle não compreendeu. Quis à viva força, que explicasse porque eu sorrisse daquela maneira. Não lhe fiz a vontade.

— Porquê?

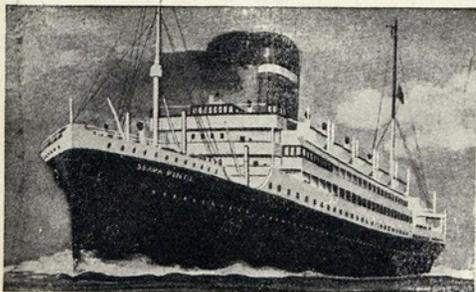
— Não podia, mesmo que quizesse...

E ciciou ao ouvido da amiga: — É que eu sorri assim sem saber porquê...

Fôra sincera a filha dos Lopes Mendes.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a Africa em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

Demasiado fatigada para GOZAR o descanso?



Como se sente, ao anoitecer? Demasiado fatigada para levar a cabo os seus trabalhos e para meter os pequenos na cama?

Sente-se disposta a ouvir as notícias ou um bom concerto pela rádio? Ou tem vontade de se atirar para qualquer parte, sem poder mesmo sentir o prazer do descanso, aborrecendo-a a própria música?

Isto não está bem; há qualquer coisa que não está certa. Não sabe o que é?

Talvez prisão de ventre.

Evacua com regularidade? Mesmo assim, pode sofrer de prisão de ventre. A eliminação pode não ser completa e, neste caso, acumulam-se venenos no seu sangue, que lhe tiram toda a boa disposição.

Para estes casos, existe um remédio fácil e simples: — tomar uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

ATAQUE A INDIGESTÃO

DESTA MANEIRA FACIL



UMA DOR
UMA RENNIE
UM SORRISO!

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, metálicas na boca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, vê-se à livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Todas as farmácias as vendem. Pacote pequeno 6\$00, grande 20\$00.

CRÓNICA ALEGRE

Variações sôbre o tempo

SEGUNDO o «Borda de Agua», que na minha opinião é mais infalível que o dicionário da Academia, a Primavera começou no dia 21 de Maio.

Nesse dia, porém, choveu que até parecia a segunda edição do dilúvio e desde essa data, até à altura em que estou escrevendo no meu gabinete de trabalho, que depois da minha morte há-de ser transformado em museu, raro é o dia em que não tem chovido, chuva de todas as qualidades e feitios, desde aquela de molha lólos, até à outra que molha toda a gente, inclusive aqueles que têm fama de espertos.

Tem chovido tanto que o «Seculo» ainda há pouco informava que desde Janeiro caíram 250 mm. de chuva em dois meses e meio, quando a normalidade é de 250 mm. em 47 dias. Muito eu gostava de medir a chuva durante aqueles dias todos...

Ainda sou do tempo, em que mal começava a Primavera, o Sol desatava a atirar calor cá para baixo e um domingo de

Páscoa inaugurava-se a época dos toiros, e cada aficionado estreava um chapéu de palha. Agora o sol e moscas» das toiradas foi um ar que lhe deu, pois ainda há dias, durante a corrida «boiêsca» choveu tanto que até o tapete póstumo do Goya ficou todo encharcado com o boi feito num pinto.

Isto vem a propósito duma conversa com o meu amigo Salustiano, que é muito cauteloso. Encontrei-o há dias atarefadíssimo, pois dentro de poucos dias parte para férias com a família. Logo que me viu percebi que queria desabafar, pois antes mesmo de me cumprimentar desatou a dizer mal do tempo:

— Isto já ninguém se entende. Está tudo mudado. Quando devia ser Verão é Inverno; no Outono é que estão os dias primaveris. Que me dizes tu a isto?

Que, percebo menos do tempo que o «observatório» do Diário de Lisboa. Para me desculpar disse ao Salustiano que não entendia nada de geografia.

— Mas isto não é geografia, bradou êle. Tu és um ignorante. A ciência que estuda o tempo é inteiramente diferente.

Concordei que era um ignorante para não acirrar mais o Salustiano. Êle, todavia, para provocar discussão, ainda me atirou mais esta:

— Tu falaste para aí em geografia e se calhar nem sabes em quantas partes se divide o Mundo.

— Olha não sei, retorqui. E para o esmagar acrescentei logo: Em cinco: Europa, Asia...

O Salustiano não me deixou acabar e, num riso de superioridade, desfechou:

— Isso era dantes. Hoje isso está simplificado. Geograficamente, o Mundo divide-se em duas partes: zonas ocupadas e zonas preocupadas,

Como já tinha morrido na minha última crónica, não voltei a morrer outra vez, porque os mortos não vão para fazer dois enterros com a mesma pessoa.

Marçal Saldanha

UM EPISODIO DA VIDA DE CHURCHILL

(Continuação da pág. 11)

lhante quando eu servia em Laventie nos Granadeiros da Guarda. O nosso chefe era o famoso coronel Jeffreys, um grande disciplinador, oficial mara vilhoso, que dezasseis meses de combates não tinham afectado. Censurava o uso do álcool (com excepção da provisão regulamentar de rum) quando estava de serviço mesmo na frente e com uma invernina rigorosa. Tinha manifestado o desejo, sem dar qualquer ordem, de que não levássemos álcool para as trincheiras. Uma noite, num abrigo sombrio e húmido, preparávamo-nos para beber uma garrafa de «Pôrto» quando se ouviu um grito: «O coronel». Jeffreys apareceu no cimo da escada. Um oficial dos mais novos, que devia tornar-se um verdadeiro génio militar, pegou numa das velas que iluminava o abrigo e colocou-a no gargalo da garrafa. Tudo se passou sem atritos. Passados seis meses o oficial encontrou o coronel Jeffreys, num Clube. O coronel perguntou-lhe se queria tomar um copo de «Pôrto», o que êle aceitou. Trouxeram uma garrafa que os dois esvasiaram e no final o coronel perguntou-lhe:

— Soube-lhe a estearina?

Ambos começaram a rir. Finalmente, acabei os meus estudos em Sandhurst. Depois de ter entrado entre os últimos, como por caridade, sai classificado em oitavo lugar, entre cento e cinquenta. Isto prova que eu era capaz de aprender depressa, quando as matérias tinham importância.

Quando recordo êsses anos,

não posso deixar de agradecer à Providência o dom da vida. Todos os meus dias foram bem passados e cada um dêles mais bem passado que o anterior. Tive altos e baixos, corri ris-

cos e fiz viagens, mas sempre me animou um desejo de movimento, uma ilusão ou uma esperança.

Adaptação de CARLOS FERRÃO

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Pôrto

Tio Pepe

Amorosa

A. B.

Nectar

Solera 1847

Jerez

3 Copas

Soberano

Insuperable

Aguardentes Jerezanas

Superior Tawny

Special Tawny

Port in Sight

«54 Port.»

Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)

DIZ-SE...

- QUE o realizador Alfred Hitchcock aparece sempre, como figurante, numa cena dos filmes que dirige.
- QUE o actor Gilbert Roland foi, durante a sua juventude, um toureiro mediocre e que a sua maior ambição era seguir a carreira do cinema...
- QUE Jorge Raft, Lew Ayres e Walter Pidgeon vivem separados de suas esposas e que estão proibidos de voltar a casar.
- QUE Richard Dix assinou um contracto que lhe permite produzir, interpretar e dirigir filmes.
- QUE a actriz Barbara O'Neil, que só tem desempenhado papéis de mãe, conta apenas vinte e sete anos.
- QUE Sandra Lee, que apenas tem dois anos, só tem interpretado papéis de rapaz.
- QUE Mary Pickford está casada com Buddy Rogers, que tem metade da idade dela.
- QUE os nomes dos filhos de Don Ameche rimam entre si: Donny, Ronnie, Tonny e Lonnie.
- QUE Virgínia Bruce e Paulette Goddard pertenceram ao famoso friso de «girls» de Ziegfeld.
- QUE o célebre actor Thomas Mitchell interpretou, em três películas já realizadas, o papel de médico bebedor.
- QUE Henry Fonda, antes de tentar o cinema, teve as seguintes ocupações: instrutor de educação física, funcionário dos telégrafos, motorista e decorador de janelas.
- QUE o realizador William Wellman fez um seguro de vinte e cinco mil dólares a favor do seu filho... ainda por nascer.
- QUE o actor Russel Hicks comprou uma camioneta para levar as suas cinco filhas ao colégio.
- QUE o bracelete que Bette Davis exhibe em «The Great Lie» foi um presente recebido de Inglaterra.
- QUE o pequeno Bob Watson tem oito irmãos, todos eles trabalhando em filmes.
- QUE os actores Fred Mac Murray e Basil Rathbone adoptaram, cada um, uma criança.
- QUE Margaret Lindsay é a única actriz de Hollywood que não intercede pela colocação de seus parentes nos estúdios em que trabalha.
- QUE o produtor de filmes Joseph Schenck foi condenado, pelo Tribunal Federal de Nova York, a três anos de prisão e na multa de vinte mil dólares, por ter defraudado o Estado.

C I N E M A

Madeleine Carrol e Fred Mac Murray concluíram em Hollywood

“UMA NOITE EM LISBOA”



Madeline Carrol e Fred Mac Murray concluíram, recentemente, nos estúdios da Paramount, uma luxuosa comédia que se intitula «Uma Noite em Lisboa». Segundo informações de Hollywood, trata-se de um filme, delicioso e alegre e fabulado sobre uma aventura vivida, maravilhosamente, por um conjunto de intérpretes, num cenário em que há alguma coisa grata para os nossos olhos. O título, pelo menos, é bem significativo... Oxalá a história não venha decepcionar a admirável expectativa avolumada à volta desta película, cuja realização mereceu especiais cuidados à Paramount. Prova-o não só a importância do material de propaganda já enviado para a agência da mesma firma americana em Lisboa como, também, a categoria dos seus intérpretes e elementos técnicos reunidos em volta dum realizador consagrado em comédias de excelente linhagem.

Robert Taylor e Lorraine Day vão interpretar em Hollywood

“EPISÓDIO EM LISBOA”

A nossa capital, que parece estar na ordem dos trabalhos dos produtores americanos, vai servir, segunda vez, de quadro de acção a um filme que será produzido, nos estúdios da M. G. M., em Hollywood, sob o título «Episódio em Lisboa». O argumento, que terá como director de produção Edgar Selurin, foi afabulado por Evenett Freeman e tem por principais intérpretes o famoso galã Robert Taylor e a já célebre vedeta Lorraine Day, que esta época apareceu em «O Filho do Conde de Monte Cristo», correspondente de Guerra» e «Chamam o dr. Kildare».

Dada a evidência de localização do título, tudo indica que Robert Taylor tenha de se deslocar a Lisboa, circunstância que, por enquanto, não se pode assegurar, em virtude daquela artista estar pendente da realização de outros filmes.

Desde já, porém, nos congratulamos com o facto dos produtores americanos nos arrastarem, mais uma vez, as objectivas das suas câmaras de filmar para quadro de acção na nossa capital... Embora não se conheçam pormenores sobre a leitura deste filme, torna-se necessário solicitar esta importante iniciativa da M. G. M., que procurará, estamos certos, rodar esta obra de tôdas as condições de êxito e, ao mesmo tempo, evitar que o seu conteúdo não suscite qualquer espécie de me-lindres... Sem nenhum intuito de comparação, e apenas para recordar um caso ocorrido há anos com uma firma que veio filmar a Lisboa, ficaríamos penalizados se voltássemos a ver reeditada qualquer façanha de recorte estupefaciente...



LARRAINE DAY

António Lourenço

Novos Filmes Portugueses

1941 promete ser um ano cheio de surpresas, em matéria de produção de filmes nacionais. Nada menos de quatro se anunciam para estrear até Dezembro: *Ala, Arriba!* que Leitão de Barros realiza para a Tobis; *Lobos da Serra*, produção Tobis, dirigida por Jorge Brun no Canto; *O pai tirano*, que António Lopes Ribeiro conta encetar este mês; e *Maria da Fonte*, que Leitão de Barros principiará a dirigir em Novembro, e para o qual já foram filmadas, como noticiámos, várias sequências com numerosa figuração, no extinto Bairro Comercial da Exposição do Mundo Português.

Dos trabalhos em curso damos, a seguir, alguns pormenores:

ALA, ARRIBA!

Leitão de Barros, que há pouco concluiu, na Póvoa do Varzim, a filmagem dos exteriores de *Ala, Arriba!* encetou, nos estúdios da Tobis, a realização dos interiores, que devem terminar dentro de alguns dias. Para tomar parte na filmagem do interior duma igreja e de algumas casas de povões vieram, expressamente, daquela praia nortenha, muitos pescadores que intervieram, como figurantes, nos exteriores, entre eles os dois protagonistas Domingos Gonçalves e Elsa Bela-Flor.

OS LOBOS DA SERRA

Jorge Brun do Canto, a quem as condições de tempo têm retardado a marcha dos seus trabalhos, terminou há dias em Arcos de Val-de-Vez a filmagem dos exteriores de *Lobos da Serra*, cuja sonorização e montagem vai entrar num período de incessante actividade, a-fim-de precipitar a apresentação do filme, que deve ser estreado, num dos próximos meses, num grande cinema da capital.

O PAI TIRANO

Logo que esteja terminada a realização dos interiores de *Ala, Arriba!* entra em produção, nos estúdios da Tobis, o novo filme, de António Lopes Ribeiro, intitulado *O Pai Tirano*. O argumento, da autoria daquele realizador está sendo planificado e dialogado com a colaboração dos actores Vasco Santana e Ribeirinho, que interpretam os protagonistas.

Os dois principais papéis femininos serão desempenhados por Leonor Maia e Graça Maria, que interpretou, sob o nome de Maria da Graça, a ingénua de *Pórtio de Abrigo*. Do elenco de *O Pai Tirano* fazem parte, ainda, Tereza Gomes, Armando Machado, Emilia de Oliveira, Henrique de Albuquerque, Reginaldo Duarte, Carlos Alves e Artur Rodrigues.

O filme deve ser estreado em Setembro,

U M F I L M E D A P A R A M O U N T



“CAUTELA COM AS MULHERES,,
* * C O M * *
RAY MILLAND e ELLEN DREW

UMA COMÉDIA FRIVOLA QUE TEM O SABOR DAS COMÉDIAS PARISIENSES, A EXIBIR BREVEMENTE NO **EDEN**

MUNDO GRÁFICO



A alma
da
Inglaterra
é do mesmo aço
dos seus
canhões